



Fig.2: Fotografia atual da Avenida Capitão Meleças.

Aspetos Históricos

Com a construção das OGMA, antigo Parque de Construção Aeronáutica surgiu a Avenida Capitão João de Almeida Meleças, avenida essa que daria caminho à OGMA.

O seu desenvolvimento habitacional começou em 1927, o qual veio permitir a construção de novas habitações para os trabalhadores do Parque de Construção Aeronáutica, atual OGMA.

O nome desta Avenida viria posteriormente a prestar homenagem a um dos primeiros pilotos portugueses, tenente de Engenharia com formação em França.

João de Almeida Meleças era adjunto do diretor das OGMA e um dos responsáveis pela construção da mesma. Sendo este um dos grandes motivos para atribuir o seu nome à rua.

Com a abertura da Avenida Capitão Meleças sucedem-se, sobretudo, durante as décadas 30 e 40, inúmeros pedidos de construção de edifícios – maioritariamente de piso térreo destinados à habitação – para aquela nova artéria. A partir dela verificar-se-á uma expansão do aglomerado urbano de Alverca, com implantação de novos eixos viários e consequentes edificações.

Os projetos analisados para aquela avenida são balizáveis entre 1927 e 1942, denotando, em termos cronológicos, uma determinada linha de evolução arquitetónica: se é pacífico concluirmos tratarem-se, de um modo geral, de construções de carácter algo modesto, verificamos que os projetos concebidos e postos em prática durante o final da década de 20 e ao longo da década seguinte adotam claramente elementos que poderemos associar aos conceitos de revivalismo e da “casa portuguesa”.

A comissão administrativa da câmara municipal de Vila Franca de Xira vem requerer, em Julho de 1935, junto do ministério das obras publicas e comunicações, a concessão de subsídios, tendo em vista a execução de um prolongamento do coletor da Avenida Capitão Meleças – no valor de 50% do custo da obra -, para que se pudesse dar continuidade às construções que ali se pretendiam efetivar. Este prolongamento respeitava ao projecto de arruamentos aprovado na sessão de câmara 27 de Agosto de 1925, ao qual era agora introduzido um novo arruamento paralelo à avenida, a então designada rua J.

Aspetos Geológicos

Na Avenida Capitão Meleças, encontram-se algumas variedades de calcários bem como de mármore. Nestas rochas é possível observar-se interessantes conchas de rudistas radiolitídeos em cortes variados.

Conteúdo Fóssil:

Os fósseis destes bivalves, normalmente de grande tamanho, com 15 a 25 cm de dimensão máxima, são bastante evidentes, devido ao aspecto espesso e maciço da parede das suas conchas e ao facto de apresentarem cor esbranquiçada que se destaca bem no fundo da rocha calcária rosada a avermelhada.

A rocha ornamental onde estes fósseis estão associados é um calcário fossilífero de idade do Cretácico conhecida por liós. Esta rocha ornamental, muito utilizada em Lisboa e arredor, poderá ser proveniente de pedreiras localizadas na região a Norte de Lisboa, em Sintra, nomeadamente na Terrugem e em Pêro Pinheiro.

Assim, ao longo desta Avenida é possível identificar os seguintes rudistas:

Rudistas caprínideos

Os rudistas são um grupo extinto de bivalves que existiu desde o Jurássico superior até ao final do Cretácico da Era Mesozóica (durante cerca de 90 milhões de anos).

Os rudistas tinham formas diferentes de bivalves atuais (ameijoas, ostras), pois viviam de modo distinto deles. Habitavam em ambientes marinhos pouco profundos, com águas quentes, tropicais, normalmente semienterrados no fundo lodoso, formado por vasa carbonatada. Os rudistas eram - frequentemente - gregários, ou seja, formavam grandes aglomerados de rudistas, ocupando áreas extensas dos fundos marinhos pouco profundos.

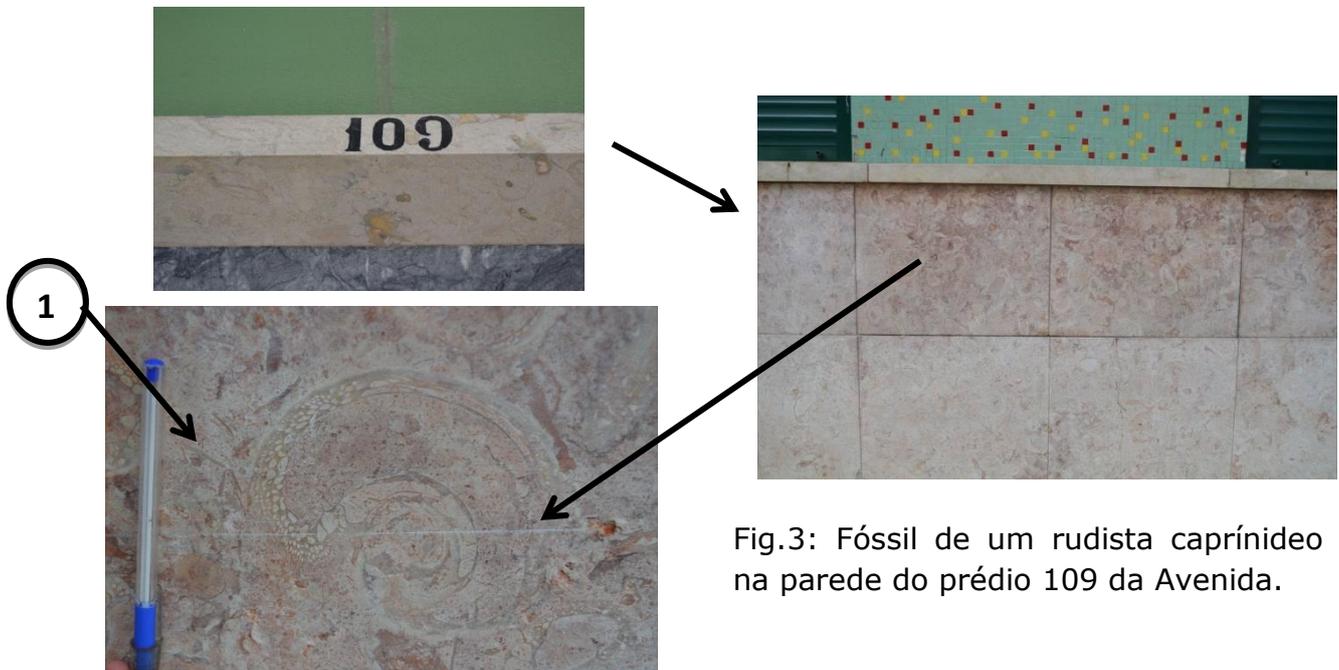


Fig.3: Fóssil de um rudista caprinídeo na parede do prédio 109 da Avenida.

Na foto acima, na parede do prédio, no início da Avenida Capitão Meleças pode observar-se um bom exemplo de um corte oblíquo da valva livre de um rudista caprinídeo. Estes bivalves rudistas tinham a concha formada por duas valvas distintas uma da outra: uma delas, a que se enterrava no substrato vasoso era cônica e a outra - a valva livre - era enrolada em "corno de cabra". A espessa parede das valvas possuía canais paleais o que, em corte, dá à parede da concha o seu aspeto alveolar característico. O aspeto alveolar da concha é bem visível no fóssil, assinalado com (1) na figura 3.

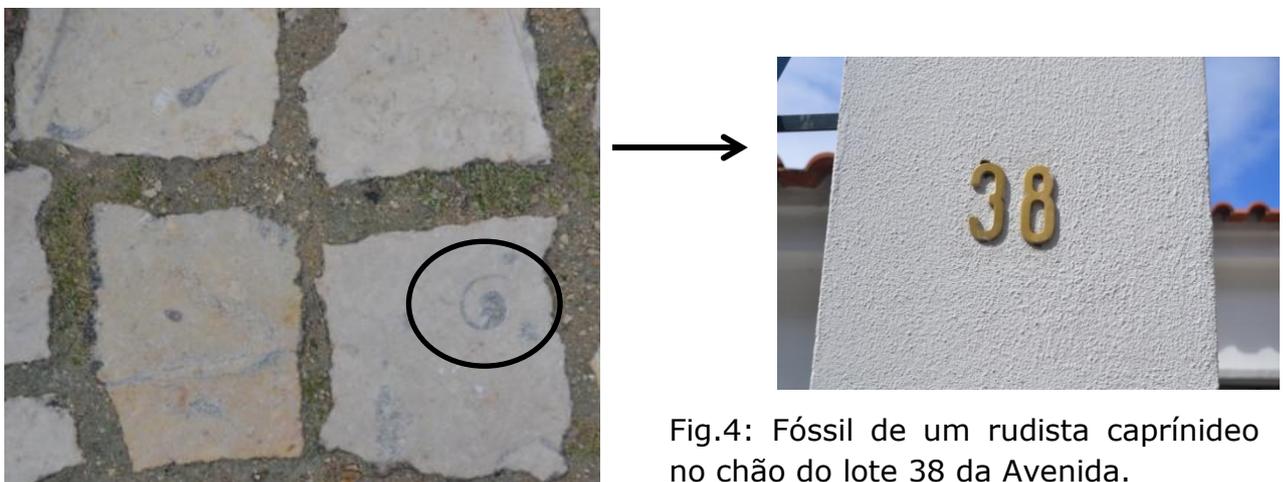


Fig.4: Fóssil de um rudista caprinídeo no chão do lote 38 da Avenida.

Nas fotos indicadas acima está representado outro exemplo de um fóssil rudista caprinídeo, estando este na pedra da calçada. Na Avenida este encontra-se junto ao lote número 38.

Rudistas Radiolitídeos

Os rudistas radiolitídeos possuíam uma valva inferior cônica, mais ou menos alongada, consoante os casos e uma valva superior aplanada, em

forma de "tampa". Estes fósseis podem se apresentar longitudinalmente, identificado em 1, ou transversalmente, identificado em 2, o que é bem visível nas seguintes imagens das paredes da Avenida Capitão Meleças.

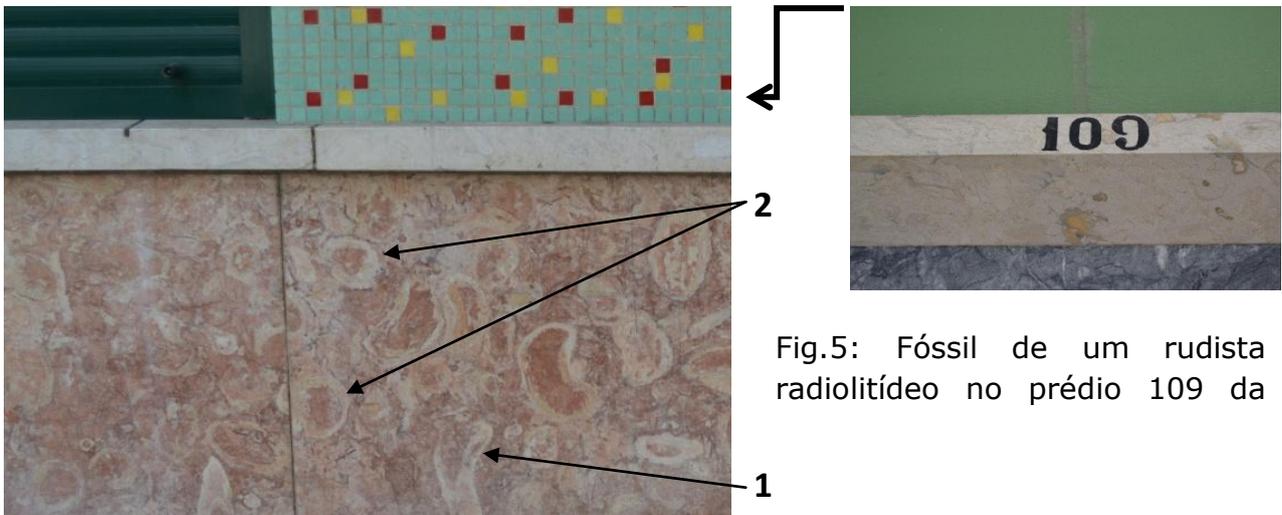


Fig.5: Fóssil de um rudista radiolitídeo no prédio 109 da

Conteúdo Litológico:

Nesta avenida é possível observar uma predominância de duas rochas, o mármore e o calcário, sendo nesta última que se encontram os fósseis identificados anteriormente.

Mármore

O mármore é uma rocha metamórfica originada de calcário exposto a altas temperaturas e pressão. Por este motivo as maiores jazidas de mármore são encontradas em regiões de rocha matriz calcária e atividade vulcânica.

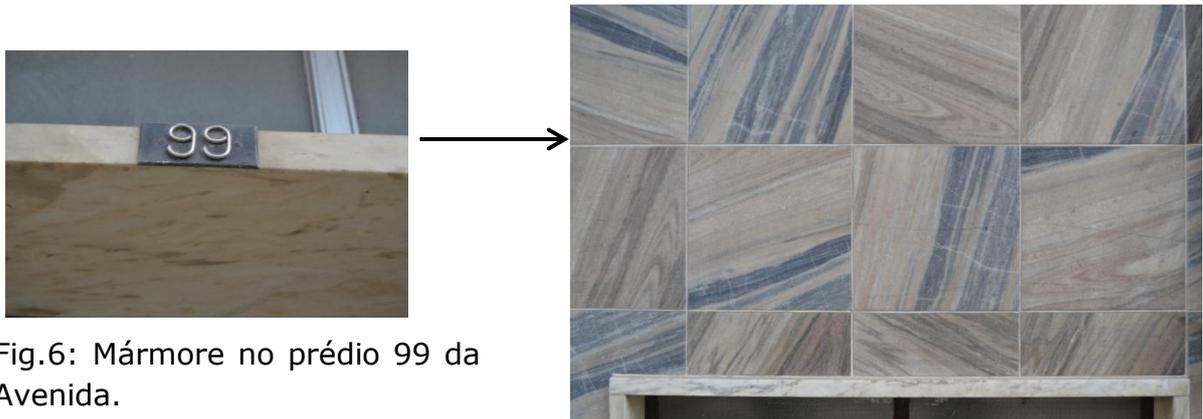


Fig.6: Mármore no prédio 99 da Avenida.

O mármore é uma rocha explorada para uso em Construção civil. No caso das imagens acima, é utilizado na construção de um prédio da avenida. Comercialmente são classificados como mármore, todas as rochas carbonáticas capazes de receber polimento. Possuem uma variedade de cores e texturas, estruturas que as tornam bastante rentáveis na indústria de rochas ornamentais.

Em Portugal, as maiores explorações de mármore localizam-se em torno da zona de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, de onde é extraído o chamado Mármore de Estremoz.

Esta cidade de Portugal, Estremoz, é conhecida internacionalmente pelas suas jazidas de mármore branco, o chamado Mármore de Estremoz. A exploração do mármore de Estremoz tem uma origem muito antiga, como comprova o Templo romano de Évora, que contém mármore originário desta zona. Está também presente no altar-mor da Catedral de Évora.

Calcário

O calcário que se encontra na Avenida em questão, tem um aspecto esbranquiçado e creme, e é nesta rocha que se encontram os fósseis já referidos. Esta rocha é proveniente de Lameiras e Sintra, tendo sido formado num ambiente recifal de águas quentes pouco profundas, pertencendo ao Cretácico superior (-90 M.a.).

Foi muito utilizada no país como rocha ornamental e para a construção de elementos estruturais, como padieiras e ombreiras.

Bibliografia

- “*Alverca da terra às gentes*”
- Organização: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Museu Municipal/ Núcleo de Alverca
- Autores: Anabela Ferreira, outros.
- *Guião Paleomemorial do Convento* feito por: Mário Cachão, Carlos Marques da Silva & Maria de Jesus Ribeiro
- <http://paleoviva.fc.ul.pt/almafossil/index/rcapleit.htm>
- <https://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT>